

TRAJETÓRIA DE MIGRANTES: RECONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E "INVENÇÃO DE TRADIÇÕES"¹

Célia Toledo Lucena*

Resumo: As lembranças são tentativas de organizar o tempo vivido e as experiências de migrantes em suas trajetórias de vida. Ao se instalarem na periferia de São Paulo, reinterpretam experiências vividas nos espaços mineiros abandonados. A festa de migrantes na cidade constitui a celebração de histórias de vida em comum, sociabilidade, sinal de identidade e rememoração do passado. Constitui um marco do tempo social e religioso do grupo e é, na festa étnica, em suas representações simbólicas que as relações informais de poder se estabelecem. O deslocamento da população rural para os centros urbanos implica a reinvenção da identidade a cada geração e a incorporação dos costumes da cidade num processo de justaposição cultural. Os ritos nos ajudam nos estudos da identidade regional ou étnica e nos estudos de sociabilidade e inserção nos novos contextos.

Palavras-chave: Identidade; sociabilidade; festa.

Na migração feita de forma familiar as pessoas compartilham das lembranças, dos espaços e das situações vividas em comum. O migrante guarda uma bagagem de recordações que lhe dá uma certa estabilidade daquele mundo conhecido que lhe permite dar continuidade à sua vida em outro lugar. A migração em grupo permite que a memória do lugar de origem seja preservada através dos hábitos, valores e tradições. Embora exista uma ruptura entre o sujeito e o espírito que animava suas representações no passado, existe no presente um espírito de adesão, entre migrantes que vivem juntos em seu lugar conquistado, ao lidar com as "liturgias da ausência".

Este estudo tem por base uma pesquisa realizada com um grupo de migrantes mineiros instalados na periferia de São Paulo, a partir dos anos 60². Este grupo instalou-se no município de Cotia, no km 21 da Rodovia Raposo Tavares, lugar que após loteamento recebeu o nome da região de origem dos migrantes: Jardim Barbacena.

No bairro periférico, os mineiros reinventam os modos de vida dos bairros rurais, traduzidos em comportamentos, linguagens e relações de vizinhança. Ten-

1 O estudo de E. Hobsbawn e T. Ranger, *A invenção da tradição*, contribui para a análise e compreensão das interpretações e invenções que migrantes fazem de suas experiências vividas no lugar de origem e no contexto do território de destino.

* Professora do Curso de História, UNIBAN.

2 Esta pesquisa foi realizada entre 1992 e 1995 como parte de pesquisa de projeto de doutorado, denominado: *Refazendo trajetórias: memórias de migrantes mineiros em São Paulo (Jardim Barbacena: 1960 – 1995)*. A tese de doutorado foi defendida em 1997, no programa de História, PUC-SP.

tam instalar em São Paulo um ritmo de vida parecido com o de Minas, imprimindo assim, às suas práticas cotidianas, “um jeito de viver” mineiro.

Este grupo de migrantes tem características peculiares: deu origem a uma comunidade de migrantes rurais, que vieram da mesma região; pertence às levas migratórias das décadas de 50 e 60; vive junto num pequeno bairro periférico. Essas condições são favoráveis para o estudo de migrantes no que se refere ao processo de adaptação ao novo ambiente e é realizado pelo grupo, num sentido comunitário.

Ao adotar um direcionamento voltado para a compreensão de como os migrantes reinterpretem e inventam suas experiências, no contexto da grande cidade, e como o ritual da festa no novo espaço é um veículo de identidade, que permite a análise de suas transformações de sociabilidade, optei pela coleta de histórias orais de duas gerações de um grupo de migrantes, procurando compreender a história familiar, o papel da família na transmissão da memória e as diferenças percebidas entre gênero e gerações. Utilizei levantamentos sob forma de história de vida, baseados em entrevistas com famílias. Essa abordagem privilegia as metáforas, os silêncios, as omissões, pois essas situações fornecem imagens das representações subjetivas do passado e do presente.

Para Alessandro Portelli, “o testemunho oral tem sido amplamente considerado como fonte de informações sobre eventos históricos. Ele pode ser encarado como um evento em si mesmo e, como tal, submetido a uma análise independente que permite recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo, que cada indivíduo investe em sua relação com a história”³.

As histórias de vida revelam a preocupação que os migrantes tiveram em manter a identidade do arraial mineiro nos modos de vida do cotidiano do novo espaço conquistado. A manutenção do sotaque, dos festejos religiosos indica que a crença e hábitos são critérios objetivos de identidade étnica ou regional. Esses critérios “são objeto de representação mental, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de representações objetivas, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou em atos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus produtores”⁴.

A permanência de traços significativos da identidade mineira são representações dinâmicas que os migrantes investem para determinar o olhar que os outros fazem de suas propriedades culturais. Resistem à mudança, ao se confrontarem com as novas linguagens do mundo urbano; uma vez inseridos no novo espaço,

3 Portelli, A. *Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores*. Projeto História 10. São Paulo, PUC/EDUC, 1993. n. 10, p. 41.

4 Bourdieu, P. – 1989, p. 112.

tentam transformá-lo à sua imagem e, ao mesmo tempo, integram-se à nova cultura num processo de adaptação e resistência.

O Jardim Barbacena, bairro do município de Cotia, na Grande São Paulo, território onde os migrantes mineiros se instalaram foi “inventado” de forma a produzir os espaços mineiros de origem como forma de expressão de identidade, através das manifestações representativas do seu cotidiano, reforçando os sentimentos de pertencimento do lugar de origem.

Percebe-se um constante diálogo do bairro com outros tempos e outros espaços. A tentativa de manter a identidade da região de origem se expressa no sotaque, na culinária, nos festejos religiosos e na construção das moradias. Após a compra dos lotes, a construção da casa foi inspirada nos códigos e símbolos trazidos de Minas: a arquitetura simples das moradias, a casa sem varanda, o quintal da casa reservado para uma pequena horta, com plantação de couve, cebolinha e algumas vezes a presença de porcos e galinhas.

Nos depoimentos, o passado é lembrado, fazendo menção ao tempo vivido em Minas, revelando a fala, sotaque, sinais, emblemas e insígnias da cultura mineira presente no bairro. As características sociológicas do Jardim Barbacena se configuram de forma semelhante ao bairro rural abandonado em Minas.

O mundo do migrante – que vive na periferia – se faz através de diferentes espaços: individualizado, coletivo, privado e público; diferentes tempos: da relação personalizada e do anonimato, da festa e do trabalho e diferentes éticas: do compadrio e da competitividade.

Nesses diferentes tempos e espaços, o migrante é sempre ordenado pelo poder formal e informal, que penetra tanto nos espaços individualizados como no coletivo, através das representações dinâmicas de conflito e contradições.

A festa é um momento importante na vida dos migrantes, ela é a liturgia da ausência, ela explica a lógica da ruptura. Através de festa, o migrante mantém vivo o vínculo com o passado, possibilitando fortalecer o sentimento de identidade e os laços da solidariedade do grupo. Uma vez que a ruptura torna-se realidade, a justificativa no novo lugar é a celebração do passado.

A festa no urbano constitui a celebração da história de vida comum, sociabilidade e rememoração do passado. É um marco do tempo social e religioso da comunidade e é, na festa, que relações informais de poder se estabelecem.

A festa é entendida como tradição, porque se repete. Cada vez se realiza de uma forma nova. Quando se repete, não é uma coisa distinta, nem uma simples rememoração daquela de origem. A festa é uma celebração que tem seu caráter originalmente sacro, seu retorno implica sempre em expectativas e recordações.

A festa das cantorias das Folias, a festa de mutirão dos trabalhos na roça, a festa sob a forma de novena realizada nos sítios, a festa do padroeiro no arraial, a festa dos casamentos, a cavallhada, a congada, todas essas celebrações, juntamente com o trabalho, fazem parte de vida das pessoas na roça. Marcam o tempo social e o tempo do trabalho.

A festa migrou, porém, sob forma “inventada”, aqui entendida aquela construída e formalmente institucionalizada no urbano. Transferida de Minas para São Paulo, adquiriu novo calendário dentro da lógica de natureza ritual e simbólica dos migrantes. A festa sobrevive em São Paulo, enquanto memória, pois a “festa viva”, os migrantes deixaram em Minas.

A “retomada da festa” em São Paulo não é uma simples rememoração do que se festejou em Minas: toma outras conotações de acordo com as novas experiências temporais. Em São Paulo, as festas deixam de ser marco de mudança de estação, de calendário agrícola e passam a ser a celebração da história de vida em comum, espaço de fortalecimento de identidade e de rememoração do passado e de sociabilidade. Na fase inicial, no decorrer da década de 60, tiveram a função de representar um elo para a organização do bairro, além de demarcar o tempo da sociabilidade e das lideranças locais.

Para o migrante, o bairro funciona como um nicho onde as lembranças da região de origem sobrevivem. Utiliza, na fase de organização do bairro, exercícios da memória para dar continuidade ao passado para que a identidade anterior seja preservada⁵. Com o passar do tempo, os hábitos transferidos pelo migrante resistem às linguagens que tendem a modificá-los, e “esta resistência permite perceber até que ponto a memória coletiva do grupo tem seu apoio sobre as imagens espaciais”⁶.

A mudança não se esgota na inserção no mundo do trabalho, na busca de moradia, mas representa rupturas profundas nos seus usos e hábitos, valores e comportamentos.

Na “reinvenção” da festa é possível perceber a combinação do passado rural com o urbano, das práticas tradicionais com as inovações da indústria cultural. Não importa aqui analisar a perda da autenticidade dos folguedos na grande cidade, porém analisar as crenças, festas, valores e tipos de entretenimento na forma como se apresentam hoje, “pois a cultura, mais que uma soma de produtos, é o processo de sua constante recriação, num espaço socialmente determinado”⁷.

Contextualizando-se, dessa maneira, os rituais e celebrações no Jardim Barbacena, torna-se possível descobrir seu significado político, e o papel dos líderes na organização dos festejos. A história dos festejos assentou-se sobre duas dimensões temporais: a primeira que vai de meados da década de 60 até o começo da década de 80, é um período de ritual organizado que tinha como intenção aglutinar grupos de migrantes aparentados no novo espaço social. Nessa fase, o migrante se preocupou em manter os valores e normas de comportamento trazidos de Minas, o que significa para eles uma continuidade com relação ao passado. Época em que os festejos mineiros eram celebrados com competência e beleza, para confirmar a

5 Ortiz, R. – 1994, p. 75.

6 Halbwachs, M. – 1990, p. 136.

7 Magnani, J.G.C. – 1984, p. 18-19.

identidade do grupo. A segunda inicia-se em meados da década de 80 até os dias atuais, quando o grupo começa a aceitar os símbolos da vida urbana. O cotidiano começa a sofrer transformação. A partir do momento que suas identidades são reconstruídas, a cultura mineira é esmaecida, os festejos vão adquirindo novos significados. As mudanças se revelam nas atitudes, gestos, roupas, paladar, comportamento e conduta. As transformações ocorreram na maneira de vestir, no jeito de mobiliar a casa, na forma de relacionar com as pessoas. Os laços de sociabilidade foram adquirindo um ritmo “disciplinado”. Os laços de compadrio foram se afrouxando, diminuindo o hábito de visitar parentes e compadres.

Com relação às transformações dos hábitos alimentares, Zezé de Melo, migrante da segunda geração, lembra:

“Aqui em São Paulo, o café ficou mais forte, o angu virou polenta, a gente deixou de fazer comida com gordura de porco e diminuiu o hábito dos derivados do leite, o queijo”⁸.

A fase inicial do bairro é expressiva, pois ainda permanecia viva na memória do grupo mineiro a experiência deixada para trás. Naquela fase de colaboração mútua, das construções das moradias, da luta pela instalação de uma escola, serviços urbanos básicos, os migrantes vão construindo um intercâmbio e conquistam, com o auxílio de comunidades eclesiais e grupo feminino, o terreno para a construção da Igreja.

O Clube de Mães, organizado por mulheres voluntárias da capital paulista, na década de 60, foi de fundamental importância na fase de organização da vila. O movimento surgiu de apoio à construção do prédio de alvenaria da Igreja, em 1968, em substituição ao barraco de madeira, que existia desde 1963. O Clube de Mães foi um espaço social para um redimensionamento da vida doméstica com perspectivas políticas, à medida que os encontros possibilitavam olhar sobre a qualidade de vida e pensar em direitos e deveres. O Clube de Mães era um lugar de encontro de toda a população do Jardim Barbacena, possibilitava o retorno dos festejos e rituais mineiros. Desempenhou um papel importante na manutenção dos laços de vizinhança e nas atividades da Igreja. Após a construção da Igreja, foi necessário inventar um padroeiro. Logo, a imagem de Nossa Senhora de Aparecida foi eleita como protetora do novo bairro. Anunciou-se, a seguir, uma excursão a Aparecida do Norte para a compra da imagem.

A vida espiritual do bairro foi marcada, em 1963, com a celebração da primeira missa. A vida no bairro, então, passa a ter uma existência religiosa, social e política. Após a inauguração da Igreja, foi inventado o festejo – 12 de outubro – com procissão, fogos, dança, lembrando a homenagem a São Sebastião celebrada em Minas. Lembra Sebastião Divino:

8 Zezé de Melo, 40 anos, supervisor de operações. Entrevista gravada em São Paulo, em 24/4/1996.

“Aqui nós fazemos um dia de festa, só. Aqui já é diferente, para quem trabalha em indústria, não pode faltar, perder serviço”⁹.

O festejo de Nossa Senhora de Aparecida é marcado pela procissão de encontro. É uma festa com a participação dos bairros vizinhos. Inicialmente, somente o Jardim Suave participava da comemoração, nos últimos anos, o Jardim do Engenho também entrou no ritual da procissão de encontro. Sai uma procissão de cada bairro e encontram-se no meio do caminho, nas proximidades do Jardim Barbacena. No momento do encontro, a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, conduzida por vizinhos, é encaminhada para a Igreja do bairro mineiro; após celebrações e festejos, a imagem volta ao bairro vizinho.

A procissão representa uma jornada peregrinatória, que implica um deslocamento. Na procissão, são os moradores que caminham ao encontro da imagem da santa, que sai de seu nicho sagrado e percorre as estradas da periferia, de forma ordeira e tranqüila, ao encontro dos populares. Nessa passagem, diluem-se as fronteiras entre os bairros periféricos, e o espaço público passa a ser visto como espaço de intimidade de um grupo de devotos. A caminhada é uma peregrinação que estavam habituados a fazer nas roças mineiras. “A jornada peregrinatória implica um deslocamento, um caminho que relaciona o mais íntimo com o mais universal, até que possa voltar de novo à intimidade”¹⁰.

Em Minas, na ocasião dos terços na roça, a peregrinação implicava no deslocamento do grupo de familiares, que saía de casa e ia ao encontro dos compadres e amigos, companheiros de fé. Os laços são sociais e políticos fornecidos pela religião.

Na cidade, os festejos sofrem uma reordenação. Nesse processo, juntam-se o rural e o urbano, o antigo e o novo, seleciona-se o que morre e o que nasce. Entretanto, a festa é repetição, não de forma estática, mesmo quando era vivenciada no campo: de um ano para o outro, não era uma simples lembrança de algo que se festejara no ano anterior. Suas mudanças refletem as mudanças do cotidiano, dos exercícios políticos e das condições de vida de seus participantes.

Na fase de construção do bairro, as festas aconteciam de forma intensa. As quermesses na Igreja, as feijoadas e grandes almoços preparados no Clube de Mães, tanto no mês de maio, ocasião da coroação de Nossa Senhora, como no mês de junho, nos festejos de São João, Santo Antônio e São Pedro e, em outubro, na festa de Nossa Senhora de Aparecida, tinham como finalidade arrecadar dinheiro para dar continuidade às obras da vila.

São Sebastião não foi escolhido para padroeiro, mas os moradores encontraram uma forma de cultuar sua imagem: a Folia de São Sebastião. Essa cantoria

9 Sebastião Divino da Silva, 47 anos, pedreiro. Entrevista gravada em São Paulo, em 23/4/1994.

10 Veja-se: “Caminhadas e peregrinações”, em Da Matta, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 80.

migrou para São Paulo junto com os trabalhadores. Israel da Silva, líder do festejo, relata:

“Logo que aqui cheguei, já encontrei mineiros da mesma região. Começamos a fazer a festa do Judas, todo sábado de aleluia. A festa vem repetindo. E a Folia de São Sebastião que vai de 6 de dezembro a 20 de janeiro. É uma folia semelhante à Folia de Reis. A Folia de Reis, lá em Minas, os benefícios arrecadados no final da Folia é dividido para eles próprios. A Folia de São Sebastião, que nós faz aqui, é para fins de alguma coisa, para a Igreja, para o piso do salão paroquial. Lá em Minas, saía direto, mas aqui, como os foliões são empregados, só sai de sábado e domingo. O grupo é formado de doze pessoas, e vai violão, viola, pandeiro, acordeão, cavaquinho, violeiro, caixa, triângulo e reco-reco.

Na festa vai uma bandeira vermelha que significa guerra, pois São Sebastião era guerreiro. Coloca a estampa de São Sebastião na bandeira e vai de casa em casa. Vai até Caucaia do Alto. A gente procura os municípios mais distantes, porque aqui tem muito crente. Lá é mais interior e tem menos crente. A gente sai no sábado de condução própria, almoça no local onde as pessoas oferecem. As pessoas dão dinheiro. Antes de terminar o festejo, o dinheiro é conferido para ser entregue para o destino, sempre em benefício de alguma coisa”¹¹.

A aplicação dos recursos arrecadados na Folia de São Sebastião, em benefício de melhoria da própria localidade, expressa normas de conduta estabelecidas na fase da chegada do migrante à cidade, como expectativa coletiva de construção do bairro. São Sebastião foi o escolhido para essa missão. Sua imagem representa jovialidade e leveza, impõe regras de forma não rígida. Embora Nossa Senhora de Aparecida carregue sempre o título de padroeira, procurada em situações de milagre e de cura, quem transmite o poder e institui as regras locais é São Sebastião.

Da Matta ressalta que o simbolismo de nossas bandeiras é a dramatização do poder. Nossa metáfora de poder é feita na ligação do alto com o baixo, “como se a elevação ou uso do objeto do alto no contexto social pudesse provocar a união de todos e, conseqüentemente, o fim das diferenças entre os diversos domínios que compõem nossa experiência social”¹².

No mês de janeiro, a bandeira de São Sebastião, circula de casa em casa, vai aos municípios vizinhos, como se pudesse provocar, através da cantoria da Folia, harmonia e união entre os moradores da vizinhança. A criatividade da cantoria está nos versos que são inventados na hora da visita. O grupo dos foliões canta e espera a esmola. Quanto maior o número de doações, maior a cantoria. O grupo é formado por doze homens, todos mineiros da primeira geração migratória.

Outro festejo que migrou da Mantiqueira para a periferia de São Paulo é a festa do Judas. Os mesmos foliões da Folia de São Sebastião organizam o festejo do Judas no Sábado de Aleluia. Nessa celebração, é utilizado como alegoria o

11 Israel da Silva, 56 anos, sargento da Polícia, aposentado. Entrevista gravada em São Paulo, em 4/6/1996.

12 Da Matta, R. – 1979, p. 78.

boneco de pano. O motivo do boneco é importante, complexo, mais carregado de sentido da cultura popular. O boneco significa a alegria, a brincadeira, a crítica; traduz a reencarnação, o momento da ridicularização e dos aspectos políticos do festejo regional. O complexo simbolismo do boneco é inesgotável. A manifestação está associada à caricatura e à inter-relação da realidade e da imagem. “As imagens do grotesco romântico são geralmente a expressão do temor que inspira o mundo e procuram comunicar esse temor aos leitores (aterrorizá-los)”¹³. A imagem grotesca do boneco do Judas mistura risos com sátiras.

A celebração do Judas fica sob a chefia de Israel da Silva e Sebastião Divino. O importante é a reflexão sobre o mundo e sobre os homens através da sátira; há uma observação crítica no decorrer do ano do comportamento de moradores, políticos e pessoas conhecidas da região. Para a realização do festejo é necessária a criação dos versos, e segundo Israel da Silva “os versos são os defeitos que acontece no pessoal, durante o ano”¹⁴.

O Judas, no festejo inventado em São Paulo, não é malhado, mas sim, queimado às 20 horas no sábado de Aleluia. É um imenso boneco confeccionado de pano, recheado de bombas que provocam uma grande explosão, na hora da queima. Ainda um detalhe importante do festejo é o “Curral do Judas”, montado na sexta-feira à noite, no meio da rua: um cercado que abriga objetos roubados nos quintais da vizinhança durante a noite de sexta-feira; o grupo de foliões sai à noite, buscando de quintal em quintal, roupas velhas, panelas, plantas, vassouras, baldes, tudo o que for encontrado. Na hora da celebração, às 20 horas do sábado, os versos são lidos em palanque, o Judas é queimado, os pertences do Curral são devolvidos aos seus donos e, então, começa o baile.

Os migrantes mantêm a tradição mineira de comer galinhada na noite da Sexta-feira Santa, após os roubos nos quintais. “Lá em Minas, roubava a galinha”, lembra Israel da Silva. Em São Paulo, a galinhada com angu passa a ser uma festa de confraternização entre amigos do bairro, organizada pelos participantes da festa do Judas. “Todos participam para comprar e para comer e o restaurante, na maioria das vezes, é aqui em casa”, comenta Eva da Silva¹⁵.

O boneco traz ainda a reencarnação de um personagem da localidade, regional ou nacional. Através da caricatura, existe a inter-relação da imagem com o personagem real a ser satirizado. O depoimento de Sebastião traz explicações para a manifestação do Judas:

13 Bakhtin, M. – 1987, p. 34.

14 Israel da Silva, 56 anos, sargento da Polícia, aposentado. Entrevista gravada em São Paulo, em 4/6/1996.

15 Receita de galinhada, transmitida por Maria Lúcia de Oliveira: “Na galinhada vai os pés, pescoço, asa, moela e os pedaços da coxa e ante-coxa partidos ao meio. Cozinhar o frango. Colocar três copos de água no frango cozido para formar caldo. Nesse caldo, colocar duas xícaras de chá de arroz pré-cozido. O arroz vai terminar de cozinhar nesse caldo do frango. Colocar temperos a gosto. Colocar por cima para enfeitar salsinha picadinha. Servir com angu”. Sebastião Divino explica como faz o verdadeiro angu mineiro: “Você pega uma panela com água, quando está fervendo vai pondo fubá e mexendo e fica que nem polenta, só que ele fica mais fino que a polenta, né. Faz sem sal, sem nada. Só cozido na água”.

“O Judas aqui não é malhado, o nosso Judas aqui é queimado. Nós faz assim um caderno, onde tem eu, Israel e os amigos, nós vamos pesquisando o passado de cada um aqui na vila. Então, de acordo com o passado assim nós fazemos um versinho sobre aquele passado da pessoa. Inclusive a turma gosta que eu faça o Judas, eu faço o Judas daqui, faz um bonecão de pano, aí, cada ano nós queima uma pessoa. Um político. Por exemplo, neste ano (1994) nós queimamos o nosso prefeito porque nós estamos batalhando um asfalto nesta vila, já há muitos anos. Desde cinco prefeitos pra trás e ninguém põe asfalto aqui, colocaram asfalto em todos os vizinhos aqui e nós não”¹⁶.

A vila foi asfaltada em 1995. A sátira do problema urbano interpretada na festa, na leitura dos moradores, acelerou o processo do início das obras de pavimento na vila. O festejo obteve maior repercussão do que a coleta de abaixo-assinados diante da Prefeitura de Cotia. Os depoimentos dos migrantes ressaltam o “sentimento de localidade” incorporado na vivência da vida cotidiana do bairro. Os habitantes sentem-se a ele ligados e demonstram uma consciência coletiva em busca de benefícios e uma observação crítica dos moradores em relação aos serviços urbanos básicos.

A partir de 1985, com a paralisação das iniciativas realizadas pelo Clube de Mães, conseqüentemente, as procissões, quermesses, feijoadas e festas da primavera foram se diluindo. Os festejos religiosos realizados durante a Semana Santa e nas festas juninas foram se escasseando, substituídos por novos interesses dos moradores. Reduziram-se missas comemorativas, reuniões na Igreja e quermesses.

Começam a surgir as lideranças locais e o grupo feminino de São Paulo que coordenava o Clube de Mães é substituído por um grupo de moradores do próprio bairro.

No período de 1967 a 1985, no Jardim Barbacena, todas as quartas-feiras à tarde, as mulheres se reuniam no Clube de Mães. Mariana de Almeida Silva se expressa de forma nostálgica, ao lembrar da oportunidade que o clube oferecia para o aprimoramento das atividades domésticas:

“Ah! vinham umas mulheres lá de São Paulo, D. Marita e D. Nair, que vinha toda quarta-feira. Traziam de tudo, traziam pano para a gente cortar as coisas, traziam bordado para a gente fazer. Cada semana era uma coisa que a gente fazia. Uma costurava, outra bordava, cada uma fazia uma coisa diferente. Eu fazia costura, gostava de costurar”¹⁷.

Para Maria de Lourdes dos Santos, a política do próprio lugar provoca mudanças no cotidiano:

16 Sebastião Divino, 47 anos, pedreiro. Entrevista gravada em São Paulo, em 11/4/1994.

17 Mariana Soares de Almeida Silva, 63 anos, servente de escola. Entrevista gravada em São Paulo, em 1/5/1994.

“Agora tem muito tempo que não tem quermesse. Tem muito tempo que não tem. Porque, sei lá, o pessoal fica numa política danada e termina acabando com as coisas que tem no nosso lugar”¹⁸.

O futebol também é uma festa especial para analisar a adaptação do migrante no urbano. Os torneios de futebol de várzea, como uma das poucas opções de lazer dos finais de semana, constituem um importante acontecimento no bairro periférico. O futebol em São Paulo passou a ser um entretenimento especial, com uma dimensão mais dinâmica daquela dos jogos disputados em Minas, onde o futebol estava associado aos festejos da época de retorno à terra. Os torneios faziam parte das programações das festividades do padroeiro nos arraiais mineiros. Nas últimas décadas, os torneios do antigo Esporte Clube Tiradentes, hoje denominado Esporte Clube Barbacena, deixam de ser um acontecimento de confraternização entre mineiros de São Paulo e mineiros de Minas, para representar um envolvimento do bairro periférico com a participação de equipes de bairros vizinhos.

Os festejos do mundo privado também foram transformados na grande cidade: não existe, no Jardim Barbacena, as grandes festas de casamento como existia em Minas. A festa na cidade, quando é realizada, é mais modesta, muitas vezes, nem festa os noivos fazem, limitando-se à festa na própria casa ou no salão da creche.

A partir da adaptação na vida urbana, os migrantes organizam práticas através das quais pretendem defender seus interesses pessoais e coletivos. A partir daí, a trajetória de cada um vai levando o morador do Jardim Barbacena para novas situações, novas expectativas, novos valores e novas condutas.

O festejo de Judas, a Folia de São Sebastião e a procissão de 12 de outubro permanecem no calendário do bairro. Os festejos do Judas e de São Sebastião são festividades profanas, porém de cunho religioso, que no urbano perderam qualquer resquício religioso e instituíram-se como festas leigas. Entretanto, o festejo de São Sebastião e de Nossa Senhora de Aparecida provoca certa rejeição por parte dos moradores que se converteram ao pentecostalismo devido à presença das imagens de santos, que passam a ser recusadas pelos fiéis das novas igrejas. Entretanto, a festa do Judas, interpretada como uma sátira, tem grande animação da vila, envolvendo toda a população, independente de religião, sexo e idade. Tanto os de mais idade, considerados da primeira geração, quanto os mais jovens participam da festa com euforia. Os mais jovens, em suas representações caracterizam a festa do Judas como o marco mineiro do bairro. Embora o festejo tenha sido transmitido através da memória dos pais e tios e o ritual tenha sido reinventado na cidade, para a segunda geração, a festa do Judas é a marca do lugar de origem do grupo.

No urbano, os festejos do Natal e do Ano Novo adquirem nova conotação. Deixam de ser a comemoração restrita ao almoço familiar e passam a ser festas

18 Maria de Lourdes dos Santos, 53 anos, dona de casa. Entrevista gravada em São Paulo, em 29/4/1993.

coletivas celebradas na rua. Os festejos da noite de Natal e do Ano Novo abraçam as gerações, o passado deixa de ser referência e a população vive o presente como uma eterna novidade.

No decorrer da década de 90, surgiu mais um forte fator contra as tradições religiosas mineiras: a procura do pentecostalismo como opção religiosa pelos moradores do bairro. A busca da nova religião e a aquisição de adeptos provocou uma divisão na população do bairro, entre pentecostais e católicos.

O pentecostalismo representa uma ruptura com o passado, uma modalidade religiosa que aliena as camadas populares, distanciando-as da criticidade do processo histórico, legitimando a realidade como contexto que se relaciona com o milagre e a cura divina¹⁹.

As novas religiões solucionam alguns problemas: a cura da doença, da angústia. O turismo leva homens e mulheres ao lazer – programas rápidos de terapia. As soluções para a problemática do cotidiano são encontradas de forma mágica. Nas observações de Rubem Alves, a empresa da cura divina começa a “produzir e a distribuir bens espirituais”; segundo ele, não se está diante de uma manifestação religiosa que lança mão de métodos empresariais, mas o inverso, “a mentalidade de empresa aqui começa a produzir e a distribuir bens espirituais”, isto é, um fenômeno abordado “a partir do caráter empresarial do religioso”²⁰.

A partir do momento que o migrante se urbaniza, afrouxam-se os laços de sociabilidade junto ao grupo de origem, mudando sua linguagem e valores, busca a salvação a curto prazo, através das religiões pentecostais. Quando se urbaniza, o bairro perde sua unidade, seu caráter de comunidade local, a igreja paroquial perde, simultaneamente, suas funções e sua capacidade estruturante²¹. A conexão bairro paroquial de outros tempos, como elemento constitutivo de uma realidade, deixa de ter fundamento.

O migrante não vive mais na teia de significados inter-relacionados que abrangiam a quase totalidade dos modos de vida. Permanece como grupo de vizinhança, de familiares e parentes, ligado através de laços de amizade que orientam a participação no novo universo sociocultural e dentro do qual elabora novas representações.

O deslocamento da população rural para os centros urbanos implica a reinvenção de identidades a cada geração²² e a adaptação aos costumes da cidade, e num processo de justaposição cultural. “Nesse processo, junta-se o velho ao novo, tradições rurais com valores próprios da sociedade industrial, algumas coisas per-

19 Monteiro, D. T. – 1985, p. 105.

20 Alves, R. – 1985, p. 115.

21 Lefebvre, H. – 1970, p. 197.

22 Ver o enfoque metodológico apresentado por Bela Feldman Bianco & Donna Huse, em *Entre a saudade da terra e a América: memória cultural, trajetória de vida*, que trata das (re)construções de identidade feminina na intersecção cultural, das relações de gênero, levando em consideração os modos pelos quais os migrantes tendem a interpretar e reelaborar suas vidas no contexto.

manecem, muitas se transformam, outras ainda desaparecem”²³. O cotidiano do bairro periférico adquire um sentido novo a partir das novas experiências e da reconstrução de identidades, imprimindo ao lugar nova conotação política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, R. “A empresa da cura divina: um fenômeno religioso?” In: VALLE, E. et al. *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez, 1985.
- ANTUNIASSI, M. H. R. *Família camponesa na bibliografia socioantropológica sobre o meio rural: padrões culturais e obtenção dos meios de vida*. CADERNOS CERU. Série 2, (5), 1994.
- _____. “Família e trabalho em assentamentos rurais”. In: LANG, A. B. S. G. *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo, CERU/Humanitas, 1997. (Coleção Textos. Série 2, n. 7).
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo, Hucitec; Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1987.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa, Difel; Bertrand, 1989.
- BURKE, P. *A arte da conversação*. São Paulo, UNESP, 1995.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- _____. *A cultura no plural*. São Paulo, Papirus, 1986.
- DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- FAUSTO, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*, São Paulo, Ed. Sumaré, 1991.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HOBSBAWN, E. & RANGER, T. *A invenção da tradição*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona, Ediciones Península, 1970.
- MAGNANI, J. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MONTEIRO, D. T. “Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular”. In: VALLE, E. et al. *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez, 1985.
- ORTIZ, R. *Mundialização e cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Abstract: Remembrances are attempt at organizing the experiences of the migrants and their life’s journey. When the migrants set down in the suburbs of São Paulo, they reinterpret real experiences from the abandoned areas in Minas. The migrant’s feasting in big cities institutes the feasting of the history of common life, sociability, indication of identity and recollection of the past. The feasting ethnic constitutes a social and religious time mark for the group, and it is at the feasting that the informal relationship of power sets up. The displacement of the rural population to the urban centres implies the reinvention of identities to each generation and the adaptation the habits the city life in a process of cultural juxtaposition. The rites help to define their identity; they become signs when a group tries to force another group to adapt to a new model.

Keywords: Identity; sociability; feasting.

23 Magnani, J. G. C., op. cit., p. 18.